

A propósito de duas janelas:
O presente cotidiano de Lucia Laguna

*Tá tudo solto na plataforma do ar
Tá tudo aí, tá tudo aí
Quem vai querer comprar banana?
Quem vai querer comprar a lama?
Quem vai querer comprar a grama?¹*

Observar as paisagens de Lucia Laguna é se permitir um olhar pelas reminiscências dos espaços domésticos e urbanos. De maneira mais aguda, é na verdade a percepção de uma zona fronteiriça em que nos postamos da janela para fora ou da portada para fora. De tela em tela o mundo vai sendo capturado, não de forma aprisionada, mas de maneira a oferecer uma vista particular e sensível da ambígua vida brasileira e carioca. Postar-se em pé sobre uma soleira ou apoiar os braços no guarda-corpo de um avarandado, permitindo observar o que o tempo nos trará diante dos olhos, é o que a artista nos entrega em formas e cores.

Ao longo dos anos, ela se dedicou a pintar diante das paisagens que se abriam das muitas janelas de sua casa, na zona norte do Rio de Janeiro, constituindo um palimpsesto de referências nos espaços da superfície do quadro. Por sua vez, a tela vai sendo segmentada no compasso da construção da própria imagem, ou fragmento de imagem, que se quer apresentar. Esta foi a tônica da prática cotidiana de Laguna ao longo de mais de duas décadas. O que de fato mudou foi o lugar a ser observado. Lugar aqui entendido como a ambiência que só existe pela presença e pelo convívio humano. E como aconteceu esta mudança?

Lucia passou a residir no bairro das Laranjeiras, uma vizinhança histórica da zona sul do Rio de Janeiro: um ambiente entre montanhas, de caráter mais linear e com uma cultura de vizinhança que também existe nos subúrbios da zona norte - região em que a artista viveu, constituiu família, vivenciou sua jornada como professora e se tornou artista plástica. Ela estava sempre a contemplar o mundo de suas fartas janelas, portas e jardim; fazendo dessa vivência fronteiriça o tema onipresente de sua pintura, em boa medida, realizada com tinta à óleo.

Da casa com quintal para o apartamento com duas janelas - pelas quais vislumbra a Rua das Laranjeiras e uma outra vida de bairro - a artista teceu os mais diversos recortes e zonas temáticas que compõem suas paisagens atuais. Há uma transitoriedade natural da paisagem, obviamente impregnada pela memória da artista que viveu ao longo de muitos anos a cisão estruturada da cidade quando dos deslocamentos para exercer o magistério, bem como durante a sua formação de artista. Hoje, entretanto, as telas que surgem de sua sala-ateliê são concebidas com o uso da tinta acrílica, um exercício distinto daquele anterior em que as nuances do óleo compareciam na transição e densidade da cor. De qualquer modo, ela incorporou de forma sensível esta mudança de materiais: não é à toa que as faixas verticais e horizontais postas em evidência criam enquadramentos, sobreposições e interrupções de cores vívidas ou artificiais, ganhando assim um novo protagonismo. Trata-se de um dado irônico diante da

¹ Primeiros versos da canção "Presente Cotidiano", de Luiz Melodia, lançada por Gal Costa em seu disco "Índia" (1973). Anos mais tarde, o próprio Melodia grava sua versão em seu disco "Mico de Circo" (1978).

exuberância de suas plantas representadas: sejam as de seu microjardim interno, sejam aquelas que estão nas ruas, nas calçadas ou que teimam a resistir na rudeza do asfalto.

Aliás, estas composições fragmentadas de jardim abrem as portas para possíveis situações abstratas, algo que nos faz lembrar, por exemplo, dos verdes matagais de Lasar Segall, pintados na fase mais tardia de sua trajetória, ainda nos anos 1950. Também, de uma outra maneira, as folhagens de Laguna nos fazem lembrar, formalmente, das texturas da flora compostas pelo seu conterrâneo Luiz Zerbini, mesmo não demarcando essas formas pelo traço da gravação ou do desenho. Aliás, conexões não faltam, até porque estamos diante de uma artista que está generosamente atenta ao que acontece em seu entorno, tanto no meio artístico como nos prazeres e rudezas da vida cotidiana.

Além da preciosidade das pinturas em pequeno formato que permitem variações de escala, há grandes paisagens de recortes que a artista nos presenteia em destaque, como o díptico *Paisagem nº 162*. Com 240 cm de extensão horizontal, a obra parece contribuir um valor sintético ao conjunto, contemplando em sua estrutura bidimensional vários dos elementos formais e gráficos que impregnam esta nova série de trabalhos. Estes elementos são recorrências sutis de signos da cidade, da força da flora, das mudanças de plano de uma vista, das interrupções objetuais em faixas coloridas, oblíquas ou não, que de alguma forma se reorganizam em trabalhos distintos. Se na *Paisagem nº 153* parece haver um horizonte estabelecido com certos distanciamentos do que se pode ver, na *Paisagem nº 156* os cortes são verticais à maneira de basculantes e de sobreposições de áreas verdes e terrosas com áreas construídas, de telhados e casas.

Outra que nos parece relevante mencionar é a *Paisagem nº 147*. Nela há uma estrutura compositiva equilibrada com maiores aproximações, como uma árvore que se ramifica e apresenta sua folhagem indo ao encontro de uma malha de gradil comum, desses que vemos na separação da rua para o jardim e a porta de uma casa. Ainda assim, nela e nas demais obras mencionadas, a estrutura compositiva da pintura nos dá a ideia de uma colcha de retalhos irregular, aos modos de um conjunto de recortes que parecem compor uma colagem. Estas emendas que se apresentam são também trilhas ou caminhos para o nosso olhar, conferindo complexidade ao conjunto heterogêneo de formas e cores que nos alcançam. Em última instância, é o próprio espelhamento da complexidade deste caminho poético de reinvenção do cotidiano.

Mesmo já tão sublinhado em produções textuais acerca da prática poética de Lucia Laguna, ao refletir sobre seus temas e paisagens, não tem como desvinculá-la de sua origem e morada: a complexa vida dos subúrbios cariocas. Aquela mesma que Luiz Antonio Simas nos descreveu com rara beleza: "a cidade que suburbanamente se esparrama é aquela que, para ser percebida, precisa ser cotidianamente vivenciada, como se estivesse erigida na encruzilhada em que a permanência e a transformação se encontram o tempo todo"².

À vista disso, percebe-se a obra de Laguna nessa fração de tempo em que se dá a mudança, em que as coisas se sobrepõem, transmutam e ganham outras vidas. Neste momento, é a paisagem em que o verde - aquilo a que nos acostumamos chamar de natural - teima em conservar a exuberância e radicalidade do que vemos. Entretanto, a pintura em sua composição não deixa de conter os mais variados signos urbanos, aqueles que identificamos, por exemplo, ao nos sentarmos na janela de um ônibus durante uma grande jornada com paradas fortuitas e freadas que nos fazem contemplar

² Luiz Antonio Simas. *A artista de janelas abertas*. In: CAMPOS, Marcelo (org.). *Lucia Laguna*, Cobogó, , Rio de Janeiro, 2021.

um entorno imediato, capturando elementos dos mais ordinários e prosaicos. E isto se repete, mesmo em uma condição de escala urbana mais limitada quando de sua mirada, de sua casa para o exterior, alcançando a esquina onde muito parece acontecer.

Isso nos faz encontrar uma identificação com personagens de nossa cultura que também reverberaram uma complexa cultura de subúrbio, mas com raro alcance em ambientes mais privilegiados. Trago como paralelo um artista da música popular que soube constituir um trânsito muito parecido, sem nunca deixar desaparecer o sentido de origem e de contexto. Falo de Luiz Melodia, um poeta e compositor genuinamente urbano, mas não da cidade do cartão postal. Foi um artista das fendas e entranhas do cotidiano mais ordinário do urbano; assim como o é também Lucia Laguna. Se Melodia cantou situações e sentimentos a partir do Morro do Estácio, Laguna pinta pelo repertório de uma visualidade advinda da zona norte, dos bairros Rocha e São Francisco Xavier. Ambos encontraram admiração nos fatos de suas realidades presentificadas.

Como nos cantou Gal Costa e nos escreveu Luiz Melodia, "tá tudo solto na plataforma do ar, tá tudo aí". Estes são os primeiros versos da canção "Presente cotidiano", melodia e lírica que parecem corresponder de forma tão natural a um paralelo com o que é emanado na investigação de Laguna. Não se trata de maneira alguma de uma correspondência visual, mas sim de uma afirmação da complexidade do que vivenciamos dia após dia. Diante do deserto do real, é possível extrair desvios poéticos da paisagem aparentemente monótona de nossos roteiros cotidianos.

É neste gesto extrativo, extremamente cuidadoso, que chegamos ao encontro sensível de Luiz e Lucia. Não há o mirabolante, há o que é resiliente em cada borda de nossos sentidos. No caso da artista, a borda do olhar, aquela mesma que define a exuberância das formas planares contidas na tela. Guardando as devidas proporções, é, portanto, a reafirmação poética de Hélio Oiticica que nos dizia: "o museu é o mundo, é a experiência cotidiana"³. Se naqueles tempos o artista advogava por um programa ambiental, um lugar para uma arte com abertura de escala, impregnada de sentido urbano, hoje fazemos uso dessa leitura para entendermos uma pintura que se permitiu ser contaminada pelo fora, uma pintura que costura várias imagens ruidosas da beleza cotidiana. Em certo sentido, Lucia Laguna nos ajuda a amplificar esta ideia democrática da arte: sua obra pictórica rompeu a fronteira do que a contém e tem, desta forma, um valor de sobrevivência para além da limpidez de uma parede expositiva, e que agora acontece das duas janelas para o mundo.

Diego Matos, janeiro de 2025

³ Hélio Oiticica. *Programa ambiental*, julho de 1966. In: OITICICA, Hélio. *Aspiro ao grande labirinto*. p. 79. Como a publicação está esgotada, este texto também poderá ser encontrado nos arquivos digitalizados do "Programa Hélio Oiticica", encontrados online, a partir de uma parceria entre o Itaú Cultural e o Projeto HO.